

RAFAEL GRECA

A estratégia dos 500 anos

Ao comemorar os 500 anos, a nossa idéia é projetar a Nação para o futuro, tendo como objetivo final aquele seu patrimônio mais valioso, a gente brasileira, as pessoas que fazem este país e as que continuarão a tocá-lo para a frente por outros séculos.



Comemorar é promover o povo. Ao reverenciar o passado, queremos o futuro

A agenda de festas para estes dias e os próximos acompanha uma programação de obras promovidas pelo governo. A idéia não é comemorar a descoberta do Brasil pelos portugueses de Cabral, mas festejar a fundação da Nação brasileira há cinco séculos e cuidar de sua permanência em progressivo processo de afirmação da nacionalidade e de promoção social dos brasileiros.

Nesse sentido, as festas e as obras foram desenhadas de modo a valorizar a autoestima da nossa gente. Em torno delas, criar um produto turístico e cultural capaz de gerar emprego e renda para o povo, com base num modelo de desenvolvimento sustentado, muito além das festas destes dias. Ao reverenciar o passado, queremos o futuro.

Guia-nos um princípio singelo, bem brasileiro: nenhum lugar merece uma visita, um investimento, se não for valorizado pela própria família ou pelo povo que o habita. Se aquela gente não estima aquele lugar, o que iríamos fazer por lá?

Por isso, na Costa do Descobrimento, em parceria com o governo da Bahia, promovemos considerável esforço de revitalização ur-

banística, adequação ambiental, promoção social de índios e não-índios. Praias foram despoluídas. Instalamos o saneamento básico, construímos habitações populares dignas. Num perspectiva de cidadania plena, ficou o meio ambiente preservado e o patrimônio cultural, respeitado e restaurado.

Todas as intervenções do governo federal em Porto Seguro e em Santa Cruz Cabralia, por intermédio dos Ministérios do Esporte e Turismo e da Cultura, deixaram de lado o triunfalismo. Trocou-se o "erguer monumentos" pela correção ambiental, social e urbanística.

É de se ver o que foi feito em Coroa Vermelha, local do desembarque de Cabral, do primeiro encontro entre os portugueses e os índios tupinambás.

A área, reserva indígena criada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em julho de 1998, estava totalmente degradada antes do programa de obras. Esgoto a céu aberto. Edificações irregulares, 618. Na praia, 39 grandes barracas para a venda de cerveja e água de coco. Totalmente obstruída pelas barracas a visão paradisíaca do horizonte de areia, mar e coqueirais.

Casebres sem água encanada, sem saneamento, se alternavam com edificações de alvenaria, de vasos brancos, algumas de dois andares. Era precária a escola local. Posto de saúde não havia. Vivia-se da venda de artesanato em barracas cobertas de piaçava.

Em homenagem aos 500

anos do Brasil, a área transformou-se totalmente. Desde janeiro de 1999, o governo federal investiu ali cerca de R\$ 11 milhões. A nova Coroa Vermelha começa fora da reserva indígena, onde, num terminal turístico, os comerciantes de artesanato e os vendedores de comidas típicas, não-índios, foram acomodados - um grande solar de 3,8 mil metros quadrados.

Logo que se entra na área indígena, vê-se o centro comercial para os pataxós, hábeis artesãos de madeira e malha, com a mesma área de 3,8 mil metros quadrados do terminal turístico, mais 74 lojas e o anfiteatro para apresentações folclóricas e outras manifestações culturais. Adiante, o Museu Indígena, com 1000 metros quadrados e um resumo da infinita riqueza cultural dos primeiros herdeiros da terra brasileira.

A seguir, o visitante alcança a grande Praça da Cruz Monumental, evocativa da primeira missa no Brasil. Concebida por Mário Cravo, glória artística da Bahia e do Brasil, a cruz de 16 metros de altura é de metal cinza, cor de prata, e cintila à luz do sol, sobre pedestal onde se lê: "O Brasil renasce onde nasce."

No mar, além dos coqueirais e da praia despoluída, ficará a Nau Capitânia, réplica daquela que nos trouxe Cabral, espécie de museu flutuante, capaz de navegar em circuitos turísticos e culturais, pois, no interior, é uma embarcação moderna.

Mas não nos detivemos apenas naquilo que brilha pela beleza. Para a construção do novo parque no local do encontro entre índios e portugueses foi necessária a desocupação da área, socialmente conflitada. Ergueram-se 278 casas para não-índios em outro local, fora

do parque. Demolimos seus antigos endereços. Para índios ergueram-se 150 casas. Foram recicladas outras 100, de brancos, removidos sem nenhum conflito.

Também investimos em Porto Seguro. Um recém-construído Centro de Convenções será o palco da grande celebração nacional. Ali foram depositados R\$ 15,5 milhões, num projeto de geração de empregos e renda para a região, que já conta com 29 mil leitos de hotéis e pousadas e precisa de animação fora das temporadas de mar e praia - e poderá tê-la com eventos nesse centro. Foi revitalizada e integralmente restaurada a antiga Vila de Nossa Senhora da Pena, uma das nossas primeiras povoações.

Agora, a idéia é transformar a área indígena da Jaqueira, por sugestão do pataxós locais, sobretudo os mais jovens, em projeto de ecoturismo, voltado para a contemplação da flora e da fauna, da culinária e das tradições tribais. Cursos do Sebrae estiveram à disposição de índios e não-índios, de modo a qualificá-los, mesmo depois das festas destes dias, para a invenção do próprio futuro, pelo turismo ecológico e cultural.

Com o mesmo objetivo, o Comitê Executivo Brasil 500 Anos trabalha em outras regiões do País por marcas da comemoração. Comemorar é conhecer. É promover o povo.

Índios nós queremos lembrá-los vivos, saudáveis, sempre. Capazes de decidir o seu próprio futuro, como os pataxós da Coroa Vermelha, em condições de superar a exclusão social e se firmar como protagonistas de um projeto cultural próprio.